



CINE TEXTOS

Informação reunida e trabalhada para apoio à exibição em sala de cinema, em contexto de formação de públicos, orientada para alunos do ensino secundário e superior, no âmbito dos **FILMES FALADOS**, dos **XIII Encontros de Viana – Cinema e Vídeo** (2013).

Autoria dos textos e orientação : Fabrice Schurmans.

Produção : AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual.

AS NEVES DE KILIMANJARO

Título original: Les Neiges du Kilimandjaro

Realização: Robert Guédiguian

Género: Drama

Classificação: M/12

Outros dados: FRA, 2011, Cores, 107 min.



AO NORTE – ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113 R/C | 4900-489 VIANA DO CASTELO

Tel.: 258 821 619 | ao-norte@nortenet.pt | www.ao-norte.com

Resumo

Michel, delegado sindical numa empresa do porto de Marselha, é levado a reformar-se após ter sido despedido. Deixa o emprego com um certo desalento e parece reencontrar algum entusiasmo num projeto de viagem ao Kilimanjaro com a esposa, Marie-Claire. Amigos e familiares juntam a quantia suficiente para oferecer a tal viagem ao casal. Tudo parece encaminhar-se bem quando Michel, Marie-Claire, Denise, a irmã desta, e Raoul, marido de Denise e amigo de infância de Michel, são agredidos por desconhecidos para lhe roubarem o dinheiro em questão. Serão os assaltantes realmente desconhecidos? Michel participa na investigação e descobre a outra face da crise económica. O assalto leva-o a refletir na sua própria postura no mundo assim como no seu percurso de dirigente sindical.

Crítica

A sequência inicial instala o espetador num ambiente familiar, o da crise, através do despedimento de 20 trabalhadores no porto de Marselha. Michel, o delegado sindical, à semelhança de outras personagens dos filmes de Guédiguian, evidencia um sentido ético marcado: põs o nome entre os dos colegas que foram sorteados. Podia este início quase relembrar um filme dos irmãos Dardenne (ruídos em *off* durante o genérico que instalam o contexto, a premência da questão social), mas a estética fílmica é bastante diferente. Pois, se os realizadores do *Miúdo da bicicleta* (ver *Cinetextos* no site de Ao Norte) privilegiam a câmara ao ombro, a observação atenta do corpo das personagens, Guédiguian, pelo recurso à câmara fixa, mantém um certo distanciamento, escolhendo a estética do cinema da ilusão (o que vem reforçar o recurso à música ilustrativa *off*, procedimento muito raro na cinematografia dos Dardenne). Guédiguian, que se inspirou para o guião num poema de Victor Hugo, *Les Pauvres Gens*, tinha claramente como projeto não só dar à voz aos sem-vozes, aos “pobres diabos” do texto de Hugo, como igualmente apontar para as contradições que atravessam a classe operária nos países ocidentais. Veja-se a sequência em que Michel está a arrumar o cacifo recitando Jean Jaurès (03:00- 04:16): retira uma fotografia famosa do dirigente socialista francês assim como a capa de uma das aventuras do Homem-Aranha. Se, por um lado, preza Jaurès como referência, parece não perceber que uma certa literatura popular norte-americana foi um dos meios utilizados para difundir um modelo económico-social em tudo oposto àquele por que o próprio Jaurès lutou.

Também poder-se-ia interpretar a presença recorrente da banda desenhada no filme como uma maneira de aludir à atitude de Michel na vida: não é nenhum super-herói mas intenta ser algo do herói do quotidiano. É o que aliás dirá Marie-Claire ao saber que o marido tinha colocado o próprio nome entre os dos trabalhadores: «As vezes é cansativo viver com um herói» (07:05). Por outro lado, Marie-Claire é a personagem clarividente, a que percebe, por exemplo, ao que o marido se sente reduzido com a perda do trabalho e das responsabilidades sindicais: perdeu um estatuto e sabe que não é «nem Jaurès, nem o Homem-Aranha» (15:51).

Na primeira parte do filme, Guédiguian consegue deixar aflorar algumas questões sem as abordar frontalmente, sem adotar um tom didático. Consegue apontar para a rutura entre as gerações pela simples representação dos lugares de vida: se Michel e Marie-Claire ainda moram na cidade, já o filho e a sua família escolheram um condomínio fechado que geograficamente se sobrepõe a ela. Porém, a arte de Guédiguian na primeira parte do filme não se limita a estas subtis alusões, mas reside igualmente no retrato de uma geração de trabalhadores, talvez a primeira, que graças à luta conseguiu garantir uma qualidade de vida nunca alcançada antes. Nesta primeira parte, porém, Guédiguian leva igualmente o espetador a entrar em empatia com Michel, Marie-Claire, Denise e Raoul, através de alusões a um mundo socioeconómico em vias de extinção (veja-se o estado decrépito da sede do sindicato ou a atividade industrial reduzida que já não serve a não ser como pano de fundo). Ou seja, num ambiente solar (destaca-se a importância da luz na primeira parte), algo de mais sombrio já se anuncia (num segundo visionamento, o olhar de Christophe, futuro agressor dos dois casais, durante a festa de Michel e Marie-Claire, ganha outro significado).

A primeira parte acaba com o momento do assalto violento (28:54), tanto mais surpreendente por a sequência do jogo de cartas entre os dois casais parecer prolongar o ambiente de paz e sossego que o antecede. A violência constitui, aliás, uma dupla surpresa, para as personagens assim como o espetador, Guédiguian conseguindo deste modo orientar o filme num direção inesperada.

Na segunda parte, a questão que se coloca e que atravessa o resto do filme como a sociedade de referência é a seguinte: os trabalhadores lutaram para adquirirem direitos assim como um certo nível de vida, mas os mesmos direitos, e o nível de vida aferente, são agora negados a uma fração crescente dos jovens (trabalhadores ou não). Ora, o modelo proposto sendo o mesmo e com os meios para atingir tais fins reduzidos, a personagem de Christophe escolheu uma das poucas vias que se lhe apresentava. Christophe simboliza aqui os que vêm

na criminalidade um meio como os outros. Veja-se, por exemplo, a conversa entre os dois assaltantes: um deles utiliza o vocabulário da economia para justificar a quantia ganha no assalto («1500 € para uma hora de trabalho, sem impostos» dirá ele. 36:24) O mais importante aqui não é a identidade de quem levou a cabo o assalto, mas as razões que os levaram a inverter para esta via. Não será por acaso que a identidade do jovem Christophe é revelada de imediato ao recetor (31:45). A sequência que se segue à do assalto mostra Christophe no seu ambiente de família. Vive com os dois irmãos, Jules e Martin, num bairro pobre, pai ausente, mãe pouco presente, e parece estar a cuidar bem deles. Percebe-se de imediato que há algo de mais profundo por trás da agressão (o que nos é revelado mais à frente: Christophe precisava urgentemente de dinheiro para pagar a renda da casa).

O assalto assim como a identidade do assaltante levam Michel a encetar uma reflexão sobre o seu percurso. Agora o cenário adquire outro significado: esta casa a dominar o mar, esta luz, este nível de vida fizeram passar Michel e Marie-Claire do estatuto de trabalhador ao de pequeno-burguês, alvo de inveja por parte dos que não possuem nada. É esta a contradição que Guédiguian encena a partir de aqui (veja-se a sequência da conversa no terraço entre Michel e Marie-Claire: 47:23 – 50:00). Esta contradição torna-se evidente durante o primeiro confronto entre Michel e Christophe na esquadra. Desapareceu a luz de Marselha que iluminava o filme até aqui, é num reduto escuro, desarrumado, que o segundo confronta o primeiro com as suas contradições (52:04-54:20). Mesmo quando a luz aparece, já não é sinónima de felicidade. A partir de aqui, as relações, os equilíbrios são postos em causa. Michel e Raoul, por exemplo, não gerem o período pós-agressão da mesma maneira: se o primeiro põe em causa o tipo de vida que leva, se tenta, assim como a esposa, entender o que levou Christophe a agredi-los, o segundo só pensa na vingança. Por outras palavras, a agressão serve no filme como uma espécie de revelador da crise que incubava nas personagens. Constitui igualmente um momento de balanço para um Michel e uma Marie-Claire, que agora se encontram a distribuir publicidades para viver.

Marie-Claire intromete-se na vida de Martin e Jules, tenta tratar deles, já que a mãe se recusa a fazê-lo. Nesta terceira parte, a da reconstrução após o trauma, o filme inverte para os bons sentimentos. O ritmo narrativo acelera e penaliza parcialmente o propósito do filme, pois é dificilmente plausível a evolução tão rápida das personagens como da situação, o que leva o realizador a certas escolhas problemáticas. Veja-se a sequência à beira-mar entre Michel e Marie-Claire: o primeiro propõe acolher os irmãos de Christophe, cita Jean Jaurès de uma

maneira artificial (o próprio ator, Jean-Pierre Darroussin parece neste momento pouco à vontade), a música *off* sugerindo algo melodramático.

No entanto, talvez uma sequência anterior, a do encontro entre Michel e Christophe no Palácio de Justiça, aponte melhor para a mensagem que Guédiguian tencionava transmitir (01:28:36- 01:31:14). Filmado classicamente em campo contra campo, figura clássica da troca de argumentos entre duas personagens, a sequência pretende colocar Michel perante uma das contradições de parte da classe trabalhadora: vive sem grande consciência dos problemas do mundo (vejam o simbolismo da viagem ao Quênia). Do outro lado da barreira, Christophe remete os seus comentários para a nova escola que é a dele: a prisão. Que esta jovem geração de trabalhadores precários aprenda a luta na prisão, e não no sindicato, ajuda o recetor a perceber que a crise atual é muito mais do que uma crise económica.

PROPOSTA DE EXPLORAÇÃO DO FILME

1. Reflexão Individual

Preenchimento do guião de observação que segue em anexo

2. Reflexão em pequeno grupo

Divisão da turma em grupos, cabendo a cada grupo:

- Identificar as problemáticas que o autor do filme pretende abordar;
- Identificar, no filme, problemas com que se debate a sociedade atual;
- Selecionar três momentos do filme que considere particularmente relevantes, justificando as opções tomadas;
- Tomar uma posição crítica relativamente às soluções encontradas por Michel face aos problemas com que se vai deparando, ao longo do filme.

3. Reflexão em grande grupo

Apresentação das conclusões à turma para debate.

Registar uma ou mais mensagens positivas que integrem valores a promover.

Para todas as opções terão que apresentar argumentação que sustente as suas posições

ALGUMAS QUESTÕES QUE PODERÃO SER FOCADAS DURANTE O DEBATE

- Relações sociais de produção em contexto de crise:
 - precariedade
 - desvalorização dos salários
 - perda de direitos e de regalias sociais
 - desemprego ...
- Conflitos sociais/ Tensões sociais /criminalidade
- Relações familiares e de amizade em contexto de crise

AO NORTE – ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113 R/C | 4900-489 VIANA DO CASTELO

Tel.: 258 821 619 | ao-norte@nortenet.pt | www.ao-norte.com



Guião de Visionamento

Ficha Técnica

Nome do filme:

Realizador:

Género:

Data de realização:

Duração:

A preencher após o visionamento do filme

Situa a acção no tempo e no espaço.

Indica as personagens mais importantes.

Refere a temática abordada.

Elabora um pequeno resumo do filme (sinopse).
